

Teologia da Criação e marcos do magistério de Bento XVI: por uma autêntica maturidade eclesial

ABREU, Elza Helena e ZACHARIAS, Ronaldo
São Paulo: Paulinas/UNISAL, 2011.

Me. Leandro Brum Pinheiro, *sdb**

Ante um mundo questionador, fruto de um contexto (pós-) moderno, a teologia tem aberto o diálogo com os mais diversos campos do saber, fundamentando suas visões no saudável diálogo entre fé e razão, como tem recomendado o papa Bento XVI. O segundo número da “Coleção Teologia, Interdisciplinaridade e Sociedade” busca, através da visão plural que marca seu referencial, abordar os temas da Criação e do Magistério de Bento XVI, sem deixar de mencionar a relação entre Formação e Teologia.

A obra “Teologia da Criação e marcos do magistério de Bento XVI – por uma autêntica maturidade eclesial” está estruturada em três blocos, que correspondem aos temas acima mencionados, totalizando treze artigos científicos, escritos por renomados professores de diversas instituições de ensino superior de nosso país.

O primeiro deles trata da “Teologia da Criação” e está constituído por seis artigos. “Criação: compreender para crer – uma leitura sapiencial bíblica”,



* Mestre em educação pela PUC-RS. Estudante do Curso de Teologia do UNISAL. Campus Pio XI – São Paulo-SP.

do professor Cássio Murilo Dias da Silva, abre esta obra, iniciando com um questionamento bastante atual: Quem é o homem e qual o sentido da vida humana? Esta reflexão levará o leitor a adentrar nos conceitos egípcio, grego e semita referente a esta pergunta, desembocando na Criação entendida, tanto como o ato de criar quanto a obra criada: “Por meio da Sabedoria, Deus não só cria, mas também intervém na história, a qual, desta forma, transforma-se em ‘História da Salvação’”(p. 25).

Pedro Lima Vasconcellos, a partir de um olhar neotestamentário das Cartas aos Romanos, defende uma relação intrínseca entre o ato criador, a identificação de Jesus com este ato e as experiências quotidianas dos homens. “A criação: compreender para crer – ponderações a partir de um fragmento paulino” propõe uma reflexão sobre a passagem de Rm 8,18-23, que contém a expressão ‘a criação geme em dores de parto’, analisando, para isso, especialmente o contexto literário imediato da passagem.

“Teologia da Criação: uma posição atual” de autoria do professor Francisco Catão, apresenta a teologia da criação como um dos eixos essenciais para a compreensão dos fundamentos da vida humana e cristã. Para tanto, discorre sobre a dificuldade dos teólogos em discutir o tema da criação com as ciências e a filosofia: uma das urgências do mundo atual. Ainda que não se possa perder a referência bíblica no modo de fazer teologia hoje, a necessidade do testemunho cristão é imprescindível. Por fim, tratando da Teologia da Criação, levanta diversas questões relevantes ao contexto hodierno como a dimensão transcendente da criação, a relação das criaturas com o Criador, o mal como consequência da escolha humana e a concepção de vida como transitória e definitiva.

Em “A criação de Deus: crer, compreender, atual”, a professora Maria Angela Vilhena traça um caminho didático, a partir dos três verbos, para explicar como o ser humano participa do ato criador de Deus. O pressuposto da crença imbricado na inteligibilidade da fé implica a subjetividade e a afetividade humanas, considerando, todavia, como primeiro, o amor do Criador: essa rede complexa vem justificar a responsabilidade da criatura humana – naquilo que lhe tange na condição de ser criado – para com o *continuum* da obra da criação.

Com base em um viés dialógico entre a ciência e a religião, Evaristo Eduardo de Miranda, em “A criação: crer, compreender, cooperar”, sublinha a profunda mudança nos últimos anos, nos conceitos de inteligibilidade e

sentido do Universo tanto nas ciências, como na filosofia e nas religiões; nestas últimas, está evidente a inteligibilidade, porém, o fato de atrelar a ele um Criador, é essência da religião. Para o autor, o desafio está em compreender as novas contribuições da ciência e da filosofia nesse campo, ainda que “os sistemas de sentido (religião) e os sistemas explicativos (ciência) prosseguem seus caminhos de forma autônoma” (p. 84).

O último artigo desta seção é do professor Gabriel dos Santos Frade, que resgata a dimensão celebrativa da criação, na Liturgia. “Criação e liturgia: crer, compreender e celebrar” convida o leitor à percepção de que a lembrança/referência ao ato criador esteve presente na celebração das comunidades desde o Israel Antigo e se mantém em nossos dias como um novo acento: a Encarnação de Cristo. Desta forma, o autor afirma que “a criação e o culto estão intimamente ligados [...], (pois) esse encontro se dá na gratuidade, num jogo sublime onde o amor do criador é correspondido pelo amor da criatura” (p. 99).

O segundo bloco do livro intitula-se “O magistério de Bento XVI” e se compõe de cinco artigos; “Bento XVI e a teologia: o lugar da teologia na universidade” do professor Antonio Manzato é o primeiro deles. O rigor epistemológico presente nas obras de Ratzinger torna possível, com base na *humilitas* e no *auditus* do labor teológico, dar à Teologia um lugar adequado na universidade. Uma vez superado o antagonismo fé e razão, o autor defende que “a teologia pode, em diálogo com os diversos campos do saber, lembrar dos compromissos éticos que envolvem a pesquisa científica, o respeito à dignidade de todos os seres humanos e a necessidade de se colocar o saber a serviço da construção de uma sociedade justa e solidária”, (p. 116) e por isso precisa, em nosso contexto, estar à serviço da verdade.

Dante Marcelo Claramonte Gallian faz um interessante paralelo a partir de categorias das ciências médicas, para compreender o que o magistério da Igreja tem refletido ante as crises da modernidade. “A cultura contemporânea na clínica de Bento XVI: as patologias da modernidade e a terapêutica da humanização” apontam a grande patologia do período como a desumanização do homem contemporâneo: os sintomas estão no próprio sistema cultural que alimenta dois agentes patológicos importantes – o cientificismo e o racionalismo –; e o remédio receitado pelo papa está justamente na ampliação do conceito de razão, que incorpora necessariamente as dimensões da fé e

da sabedoria, ao mesmo tempo em que recomenda o espaço da universidade como privilegiado para esta recuperação.

O professor Rubens Ricupero faz uma análise não propriamente teológica da encíclica *Caritas in Veritate*. Partindo de um retrospecto sobre outros documentos eclesiais, que também tratavam da dimensão econômico-financeira mundial, em outros momentos históricos, o autor evidencia a referida encíclica como proposta profética e audaciosa: seja por tratar de temas atuais e relevantes, seja por sugerir uma mudança na própria essência atual da economia com base em considerações éticas, morais e teológicas.

A exortação apostólica *Verbum Domini* é o tema do último artigo desta seção. Luiz Alves de Lima apresenta a estrutura e uma breve definição de cada uma das partes do documento, delineando seu conteúdo essencial. “Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja: apresentação da exortação apostólica *Verbum Domini* de Bento XVI” destaca-se pela apresentação das questões práticas citadas pelo próprio Papa como a busca do diálogo entre exegetas, teólogos, catequistas, catequetas e animadores de jovens, a atualização da compreensão da Sagrada Escritura no contexto pós-moderno ou ainda a formação dos agentes evangelizadores.

“Teologia e Formação” é o título do último bloco da revista, que está composta de três artigos. José Luiz Cazarotto, em “A ritualística e as afeições humanas: o papel das emoções nas relações, lembranças e falas” traz a tona o tema das emoções, tão negligenciado nas pesquisas acadêmicas e na educação formal. Apoiando-se nos âmbitos biológico, cultural e psicológico, o autor acentua que as emoções encontram nos rituais um interessante diálogo que exige do ser humano uma abertura à educação sentimental.

“Maturidade Eclesial” de Mario de França Miranda, remetendo ao atual contexto cultural, postula que “a atual realidade eclesial pede de nós uma maturidade inédita, uma atitude nova, um posicionamento original”, (p. 217) que implica em maturidade emocional, intelectual e social. Considerando a dimensão humano-divina da Igreja, sua evolução temporal é notável e mudanças sempre acompanharam seu curso a fim de que a sua finalidade salvífica se cumprisse e, especialmente hoje, pressupõe liberdade interior e amor à Igreja por parte de todos os sujeitos eclesiais.

O professor Anderson de Alencar Menezes é o autor do último artigo desta seção. Em “Tarefas da teologia num contexto de crise”, após apresentar

um construto filosófico referenciando-se em Habermas, Vattimo e Girard, ele apresenta três tarefas as quais julga essenciais para que a teologia seja capaz de dialogar com o mundo atual: uma nova epistemologia do falar de Deus, a urgência de uma teologia hermenêutica e de uma teologia do diálogo. “O horizonte contemporâneo vai reclamar da Teologia uma tarefa crucial que é a de discernir os caminhos que o Espírito Santo vai apontando ao longo da história” (p. 270), sintetiza o professor.

Em suma, esta obra apresenta uma temática atual, com uma linguagem clara e objetiva. A interatividade do conteúdo com a realidade são convites para a leitura deste texto, não apenas para aqueles que dominam ou estudam a Teologia, mas para todo aquele que deseja compreender o quanto essa ciência está aberta ao diálogo com os demais campos do saber, a fim de conferir ao atual contexto uma visão mais humanística e transcendental.